Conversas com valor

Maria José

O caráter humano da profissão marcou-a profundamente e fê-la crescer enquanto pessoa.

Se tivesse de escolher uma palavra para a descrever seria: feliz. Aos 65 anos, a enfermeira Maria José sabe o tempo exato que lhe falta até se reformar, mas confessa que não tem pressa porque é apaixonada pela sua profissão e sabe que é algo que a completa e que lhe vai fazer muita falta.

Conta-nos que vive sozinha numa casa cheia de gente entre filhos e netos que a toda a hora por lá passam. Adora viajar e confessa-nos que esse é o seu maior hobby. Nasceu na Póvoa do Lanhoso, mas cedo se mudou para Braga e é esta que considera como a sua cidade. A Enfermagem, o estar disponível para ajudar o outro, no seu sofrimento, sempre foi a sua paixão e aos 25 anos inicia o seu percurso profissional no Hospital de Vila do Conde, onde apenas esteve durante um ano, transitando depois para o serviço de cirurgia do Hospital de São Marcos em Braga, na altura como tarefeira. Foi aqui que teve o seu primeiro contacto com pessoas com ostomia. Mais tarde, com a entrada no quadro de pessoal, veio a oportunidade de tirar a especialidade em Enfermagem Médico Cirúrgica na Universidade Católica. Após a conclusão da especialização foi convidada a ir para a Consulta de Estomaterapia. Estávamos em 1993. Ainda muito nova, sem experiência, muito insegura e com poucos conhecimentos aceitou o desafio: "os meus conhecimentos em relação a esta matéria eram poucos, porque também não havia muita informação sobre ostomia e sobre doentes ostomizados. Os materiais eram fracos e poucos e, portanto, era um desafio muito grande conseguir as condições ideais para que as pessoas ao menos pudessem ter uma vida minimamente com alguma qualidade". Conta-nos que tirou o curso de Estomaterapia na Universidade de Navarra, em Pamplona, e juntamente com uma colega, que na altura foi a responsável pela abertura da consulta, fez muita formação, acompanhando sempre de perto toda a gestão e evolução do serviço e acabou por ser também uma das pessoas envolvidas na criação da APECE em 2005. O trabalho que fazem na consulta, foi na altura e continua a ser reconhecido como essencial tanto pela direção de topo como pelos colegas que frequentemente pedem a sua ajuda.

Em 2013, o Hospital de São Marcos foi substituído pelo atual Hospital de Braga, e nesta transição a enfermeira Maria José é colocada no serviço de Otorrinolaringologia. A mudança traz-lhe alguma tristeza, porque era na cirurgia que era feliz, mas não a fez baixar os braços. Rapidamente percebeu que existiam doentes no serviço de Otorrino que eram também eles, pessoas com ostomia e que não tinham qualquer acompanhamento em consulta. Colocou mãos à obra, fez o projeto e abriu, juntamente com a Consulta já existente, a Consulta de Ostomias Respiratórias, o que permite abranger mais doentes com o acompanhamento apropriado à sua condição.
Durante a nossa conversa, reforça várias vezes o quão feliz é na sua profissão, e diz-nos que se sente assim porque sente que realmente faz diferença na vida das pessoas e que isso tem sido o motor para continuar: "várias vezes a minha família reclamava porque diziam que eu vinha abrir e fechar o hospital, mas é porque eu sempre me senti feliz aqui, porque é uma profissão que me acrescenta enquanto pessoa". Explica-nos que estar em contacto com estes doentes a fez percecionar uma realidade que a maioria das pessoas desconhece, e que o serviço que é prestado na consulta é essencial para estas pessoas que chegam tristes e ansiosas sem saberem bem como vai ser a sua vida a partir do momento da operação. A maior gratificação que tem diariamente, acrescenta, é sentir que oferece toda a sua disponibilidade a estas pessoas e que as ajuda a não terem medo de manter a interação seja social, familiar ou profissional. É este caráter humano da profissão que a marcou profundamente desde o primeiro momento e que a fez crescer enquanto pessoa.
Com mais de quarenta anos de experiência são muitas as histórias que tem para contar, mas guarda com maior carinho a da primeira pessoa que atendeu em consulta e que, diz-nos, se tornou uma grande amiga. Estávamos no início dos anos noventa e o diagnóstico desta doente era de que teria que fazer uma colostomia definitiva e a enfermeira Maria José era responsável, já naquela altura, por marcar o estoma: "eu não conseguia falar com ela porque cada vez que ela me via ela só chorava. Então eu fui para casa pensar em como poderia chegar até ela, porque não estava a ser possível passar-lhe toda a informação, então lembrei-me e perguntei-lhe, então e se não tiver de usar saco? A partir daí consegui que ela me ouvisse, e estivemos a falar a noite toda, falei-lhe da irrigação, do penso, de todos os procedimentos e marquei-lhe o estoma. Senti muita responsabilidade. No dia seguinte fui uma das primeiras a chegar ao hospital e fui logo ver se a colostomia estava bem feita e estava."
Ao contrário do que acontecia quando iniciou a sua carreira, atualmente já existe muita informação sobre este tipo de intervenções, no entanto, nem sempre é a adequada e o maior desafio agora é o facto de chegarem ao serviço, pessoas cada vez mais novas, que ainda estão no auge da sua vida, que são ativos e que se deparam com algo que vai mudar totalmente as suas rotinas e a forma como olham para si mesmos. O importante, refere-nos, é fazer um acompanhamento personalizado e que permita que as pessoas não se isolem com medo de serem humilhados ou rejeitados: "os nossos cuidados são sempre individualizados, não são iguais para todos porque cada um tem uma resposta diferente à sua situação."
Além de toda a formação técnica conta-nos que é igualmente importante tudo o que foi aprendendo sobre nutrição, sobre psicologia, sobre como comunicar com as pessoas e que lhe permitiu desenvolver as duas capacidades que considera mais importantes para esta profissão: a disponibilidade e a capacidade de escutar. Porque o acompanhamento não se resume ao que é feito em consulta. Existe uma disponibilidade quase constante seja através de telefone seja por email, e conta-nos que as famílias têm também um papel fundamental na forma como estas pessoas encaram a doença e as transformações que daí advêm. É muito importante que ajam com naturalidade e que motivem estas pessoas a manterem o mais possível os seus hábitos ao invés de os tratarem com pena ou como pessoas incapacitadas: "é um trabalho que leva o seu tempo e temos que ter paciência, mas não há nada como depois vermos estas pessoas felizes, realizadas e com qualidade de vida". Felizmente, confessa, tudo evoluiu muito, tanto ao nível das técnicas como dos materiais, o que diminuiu drasticamente o número de complicações e cada vez mais é possível a um doente ostomizado ter uma vida normal.

> *"Os nossos cuidados são sempre individualizados, não são iguais para todos porque cada um tem uma resposta diferente à sua situação."*

Antes de terminarmos a nossa conversa, perguntamos-lhe se teria mudado alguma coisa no seu percurso ao que nos responde prontamente com um não: "eu sou uma enfermeira feliz e tenho a certeza que se voltasse atrás mesmo sabendo o que sei hoje escolhia novamente ser enfermeira e escolhia novamente a estomaterapia. Sinto-me muito realizada e motivada e faço aquilo que gosto". Talvez por isso acabe dizendo-nos que se pudesse pedir qualquer coisa, pediria apenas que quem venha a seguir a si na consulta, mantenha o seu legado e que exerça a profissão com o mesmo amor e dedicação.

Coloplast II Portugal, Unipessoal, Lda. - Rua Tierno Galvan 10, Torre 3 - Piso 13, Torres das Amoreiras, 1070-274 Lisboa, Portugal - **www.coloplast.pt**
The Coloplast logo is a registered trademark of Coloplast A/S. © [2025-01]. All rights reserved Coloplast A/S. PM-36222